

Visão de fora: identidade cultural brasileira no contexto da copa do mundo de 2014Hilda O. H. Lontra¹

Resumen: En la actualidad, el debate de cuestiones de identidad significa tránsito en un terreno resbaladizo y peligroso. La percepción unitaria, aunque complejo, de la identidad cultural de un pueblo, entendiendo que durante tanto tiempo ha estabilizado el mundo social, se está deteriorando debido al ascenso de nuevas identidades que divide el sujeto moderno y la colectividad, produciendo así las llamada "crisis de identidad". Sin embargo este tipo de crisis es parte de un proceso de cambio que se está moviendo las estructuras de procesos centrales de las sociedades y afecta a los marcos de referencia que dio el ancladero estable a los sujetos en el mundo social más amplio. Stuart Hall (2001:7) es consciente de estos sentimientos de strangment y de fragmentación ascenso hacia fuera desde el sujeto en cuestión y traer inestabilidad psíquica y social. Sin embargo, el problema se vuelve más complejo cuando se relaciona a la cultura colectiva especialmente si se aborda desde una vista exterior, hecho que intensifica la distancia y la repulsión por algo en el cual los miembros no se reconocen. Vista exterior marcando la apertura de la Copa del mundo, en Brasil, en 2014, desatando indignada e insumisas demostración a las autoridades que permitieron Mostrar la identidad cultural brasileña al mundo en forma desfigurada y no revelada. Esto es lo que se pretende demostrar con la ayuda de fotografías y testimonios.

Palabras clave: identidad, cultura, strangement, indignación, FIFA

Abstract: Nowadays, the discussion of identity issues means to transit in an unsafe and slippery ground. The unitary perception, although complex, of the cultural identity of a people, understanding that for so long has stabilized the social world, is decaying due to the emerging of new identities that split the modern subject and the collectivity, thus producing a so called "identity crises". However such a crises is part of a wider process of change that is moving the structures of central processes of societies and affects the reference frames that gave a stable anchorage to the subjects in the social world. Stuart Hall (2001:7) is aware of these feelings of strangment and of fragmentation rise out from the subject himself and bring psychic and social instability. However, the problem becomes more complex when related to collective culture specially if it is approached from an outside view, fact that intensifies the distance and the repulse for something in which the members do not recognize themselves. Such an outside view marked the opening of the World Cup, in Brazil, in 2014, by unleashing indignant and unsubmitive demonstration to the authorities that allowed to show the Brazilian cultural identity to the world in a disfigured and undisclosed way. This is what is intended to be demonstrated with the aid of photos and testimony.

Keywords: identity, culture, strangement, indignation, FIFA

¹ holontra@gmail.com, Docente aposentada da FURG e da UnB. Fundação Universidade Federal do Rio Grande e Universidade de Brasília.

EPÍGRAFE

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Stuart Hall (2001)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Quem redige e assina este texto é uma cidadã brasileira que se apresenta mulher, com 70 anos de idade e 50 de magistério, professora de letras do ensino fundamental ao superior. Deste horizonte de enunciação, assumindo um discurso em primeira pessoa do singular, declaro-me responsável por todas as afirmações e interrogações a seguir.

Antes de discorrer acerca do tema escolhido, julgo necessário apresentar alguns conceitos basilares que passarão as reflexões. O sentimento individual (ou coletivo) de pertencimento a um grupo é o que denomino de identidade cultural. A coletividade influencia as (re)ações pessoais, consciente ou inconscientemente, na medida em que propõe e abona padrões de conduta socialmente aceitáveis (ou não). Acato a proposição de que

identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que

vão desde a fala até a participação em certos eventos.²

Tendo por pano de fundo a copa do mundo de Futebol, realizada em junho/julho de 2014, no Brasil, o presente estudo objetiva discutir a questão da **identidade cultural brasileira**. É preciso, então, detalhar o que se acrescenta ao conceito de base a junção do adjetivo “brasileiro”. Marcada pela multiplicidade de culturas étnicas que participaram da formação de nosso povo, a identidade cultural brasileira resulta da miscigenação de costumes, de formas de pensar, em face do processo civilizatório, dos avanços da ciência e mais atualmente dos acessos às novas tecnologias.

Dinâmica, tal qual a identidade das demais culturas, a brasileira é um processo complexo, desagregador de conjuntos e montador de novos núcleos ou nós³ que ao mesmo tempo são plurais e tolerantes. Conforme bem lembra Raphael Fernandes⁴

a identidade brasileira efetiva-se na existência de uma nação, representada pelo idioma, pelo Estado e por sua constituição geográfica. Essa identidade nacional tem como base cultural um amálgama de valores e costumes que conferem

² Informação disponível em <http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm>.

³ Ao utilizar os termos “nós”, “redes”, “atores” e outros do campo semântico afim, estou me reportando a Latour, para quem o social não existe a priori; é constituído ao longo do tempo por agentes que nas inter-relações vão transformando a natureza em cultura. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2012v14n1-2p238/0>

⁴ a informação foi colhida em: <http://otextonocontexto.blogspot.com.br/2008/01/identidad-e-cultural-brasileira.html> Acesso em julho de 2014.

à nossa identidade um caráter plural, porém único.

Assim sendo, a identidade cultural brasileira não é algo inato. Para um cidadão que gosta de futebol, tomando o exemplo do tema escolhido, a sua identidade cultural passará a ser associada a um “Brasil, país do futebol”. Portanto, temos uma identidade nacional plural, seja ela burocrática, cultural e, até mesmo, política.



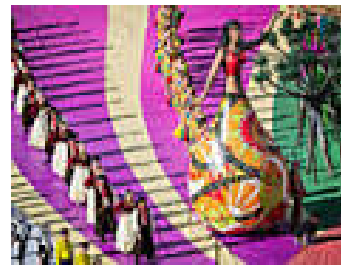
Dentro dessa perspectiva, proponho as seguintes questões⁵: que brasileiro se apresenta ao mundo em 12 de junho e que outras evidências se

⁵ A partir das questões desafiadoras, eu me indago: por que eu, brasileira, de formação humanística, doutora em literatura, interesso-me e debruço-me sobre este tema, no calor das discussões⁵, portanto, sem o necessário afastamento e a busca da objetividade que se espera de um escrito “científico”, para ser apresentado em cenário acadêmico? Que razões mais íntimas, das quais não tenho consciência neste momento, me fazem “perder tempo” de leituras de informações mais enriquecedoras de meu universo cultural? Que me impulsiona e me traz aqui, além das ainda geladas encostas rochosas dos Andes, para apresentar minha desencantada versão dos acontecimentos? Neste momento, não o sei. Talvez, ao término da copa e do texto, consiga racionalizar acerca do que me impulsiona.

estendem até 13 de julho de 2014? A identidade cultural brasileira, focada na cerimônia de abertura, confirma ou nega a visão de brasilidade mostrada? Que camada da população pode ser representante (ou o foi) dessa postura identitária? Qual foi a recepção dos fatos vivenciados, na mídia (inter) nacional? Que traços semânticos podem ser reveladores do perfil cultural identitário brasileiro construído ao longo de um mês, deste ano?

REFLEXÕES

Início interrogando (A partir das ilustrações retiradas do site oficial da FIFA): que imagem característica de brasileiro se apresenta ao mundo em 12/6/2014, quando a abertura da Copa do Mundo de Futebol?



A maior figura que entra em cena destaca uma mulher, de estatura elevada, cerca de 3 vezes acima da altura média de uma pessoa (cf. imagens), com pele cor de canela e traços de chicana⁶. Talvez quem assim a propôs tenha pensado como alusão ou homenagem à beleza da mulher brasileira, que já conquistou o título de *miss universo* por várias vezes. Enganosa visão, pois o biótipo foge, completamente, aos padrões médios da mulher brasileira. Observando bem, constata-se que a parte inferior do corpo

⁶ E aqui uso o este vocábulo com toda a ambiguidade que suporta: corruptela de “mexicana”, mas também com o sentido de trapaça, uso de malícia ou de má-fé.

revela que se trata de um chocalho⁷ (ou cabaça vide ilustração) invertido, para se manter em pé.



O chocalho é um ser não-humano; não tem vida própria. Vibra e emite sons de acordo com os movimentos feitos a partir da vontade e

com a intensidade daquele que achocalha (no caso da fêmea, a chocalha). Interessante é notar que, em língua portuguesa, a ação de achocalhar

também pode ser interpretada por divulgar, difundir.



Mas permanece a reflexão: por que enredada? A parte inferior do corpo aparece envolta em uma rede. O que a senhora Daphné Cornez, de origem belga, regimento paga⁸ para ser a diretora artística do espetáculo, pretendeu com esse emaranhado? Destacar a musicalidade, em uma construção de Carmen Miranda às avessas? Isso eu ponho em dúvida, uma vez que a maioria das imagens de chocalho (colhidas em sites da

internet) não aparece com rede, como esta única ilustração encontrada: Se o chocalho sem rede só obedece à vontade de seu



manipulador, com a rede, a impossibilidade de produzir o som autêntico, natural, fica inviabilizada, uma vez que nem o rolar, ao sabor do vento, é possível, porque os nós da rede impedem o movimento. Deduz-se que, tal qual a imagem, a mulher brasileira, enredada, só segue em frente pelo impulso alheio. E mais, a mulher-chocalho apresentada, passou pela avenida na dessemelhança de um carro alegórico: pobre, sem alegria nem musicalidade que caracterizam os carros carnavalescos, a que os brasileiros de norte a sul estão acostumados.



Outras imagens colaboram para a reificação da mulher brasileira: corpo (cuia?) enredado, desfigurado, transfigurado em natureza morta.

A índole brasileira (alegre, colorida, musical), abundante com referência à natureza, não se apresentou parodicamente, mas, sim, traduzida em uma visão em pastiche da realidade e da diversidade cultural brasileira. Esperava-se uma visão de dentro, mas fomos surpreendidos com uma visão alienada (romântica?) e alienante (pós-

moderna?) de fora de nossa identidade cultural.



Jovens e belos os artistas circenses foram mascarados em árvores, flores e águas. E descaracterizados: bolas de futebol, volantes...

⁷ Sublinha-se, na e pela imagem, que há, sub-repticiamente, o propósito de achincalhar, vocábulo que, segundo Houaiss, significa escarnecer de (algo, alguém ou si mesmo), considerar(-se) ou fazer(-se) parecer risível, sem valor; ridicularizar(-se).

⁸ Custou R\$18.000.000,00

Um espetáculo maravilhoso⁹ aos olhos, apesar de não preencher sequer 1/3 do espaço físico do estádio.



Os vazios do texto dão abertura aos leitores.



Não são poucos os intelectuais, comentaristas, artistas brasileiros que evidenciaram seu desprazer ou indignação para com o espetáculo comprado. Entre eles, destaco Alceu Valença que assim se expressou:

Ontem, confesso, fiquei chateado com a abertura da Copa. A coreografia apresentada para o mundo que tentava mostrar o Brasil era pobre, insossa e beirava ao ridículo. A nossa diversidade cultural, que é viva, alegre e espontânea, foi representada por uma palidez mórbida, plastificada. O Brasil precisa mostrar para dentro e para fora sua verdade cultural: festas juninas, carnavais, folgedos, bumbas-

meu-boi, reisados, capoeira, frevo, maracatu, afoxê, coco, ciranda, samba...

(<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/13>)

Assim se manifestando, o grande compositor Alceu Valença posicionou-se perante aquilo que deveria (re)apresentar nossa diversidade cultural, nossa identidade múltipla, mas que não o fez. Proença¹⁰, atriz e comentarista, expressando o sentimento generalizado entre a camada mais crítica da população, concorda com Valença:

Aqui tem Parintins, tem Carnaval, a gente sabe fazer esse negócio direito... Eles me apresentam aquela coisa de dar vergonha. Num país que tem Paulo Barros e Rosa Magalhães, colocar uma mulher belga para fazer. Eu fiquei olhando e esperando um momento apoteótico, uma coisa incrível e não aconteceu.



⁹ Maravilhoso é, também, uma intervenção sobrenatural que muda o curso de uma ação, gerando numa tragédia

¹⁰ <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/06/13>



Assim, a cerimônia de abertura, em que pese a pobre beleza multicolorida, não convenceu à população, em sua ânsia demonstrar o que somos e a que viemos. Outras imagens reforçam o tom de indignação que tomou conta da (pequena) elite pensante que se encontrava no local. A circulação do índio (americanizado) não corresponde em nada a imagem culturalmente adequada à nossa vivência.

O espetáculo musical, parte da exígua cerimônia de 25 minutos, também trazia elementos de outros contextos culturais: a americana de descendência porto-riquenha Jennifer Lopez¹¹ e o

¹¹ Jennifer Lynn Lopez (1969) atriz, cantora, compositora, produtora musical, dançarina, estilista e produtora de televisão norte-americana de ascendência porto-riquenha, é a pessoa latino-americana mais rica em Hollywood, de acordo com a revista Forbes e a artista hispânica mais influente nos Estados Unidos.

cubano-americano Pitbull¹² (nome derivado de uma espécie canina de alta ferocidade¹³), além de uma cantora (de notável plasticidade, mas de pouca representatividade no cenário musical brasileiro): Cláudia Leite. Essa mistura intercultural provocou rejeições, tais qual a seguir.

Todavia, como tudo o que está ruim ainda pode piorar, fizeram o favor de unir Cláudia Leite a dois dos maiores embustes da indústria fonográfica da “terra do Tio Sam”. Refiro-me ao rapper Pitbull, o “rei da desafinação eletrônica”, e à reboativa Jennifer Lopez, um desses projetos de “divas pop” de quinta categoria que são exportadas a rodo dos Estados Unidos e cujo único “talento artístico” é sua bunda. O resultado dessa união, que bem poderíamos designar de “Trio da Vergonha Alheia”, é “We Are One (Ole Ola)”, uma música industrializada como uma lata de sardinha, incredivelmente chata, que, de tão sem graça, sequer consegue cumprir seu objetivo medíocre de servir de pretexto para mulheres seminuas “rebolarem até o chão” (de preferência se isso puder atrair a atenção de algum jogador milionário no intervalo das partidas)¹⁴.

¹² Pitbull, cujo verdadeiro nome é Armando Christian Pérez, nasceu 1981 em Miami, Estados Unidos, de pais cubanos. Aos 16 anos, sua mãe o expulsou de casa depois que ele se tornou um traficante de drogas. Ele, então, formou-se na Escola Secundária Parque Miami Coral e concentrou sua carreira no rap. No começo da carreira ele encontrou problemas por ser um rapper branco, de olhos azuis e por ser cubano-americano, pois a maioria dos rappers eram negros e americanos.

¹³ Pit Bull é um termo genérico que se refere a um conjunto de raças de cães, Costuma-se usar o termo Pit Bull para designar a raça American Pit Bull Terrier. Nos Estados Unidos, baniram a criação em alguns estados empregando pesadas restrições na posse do animal. No Brasil, o estado do Rio de Janeiro proibiu a criação e a presença do animal na rua antes das 23 horas. E tramita no Congresso Nacional projeto que regulamenta o assunto em nível nacional. A cada fatalidade reportada na mídia, inflama o debate na sociedade por leis mais rígidas e punição aos donos.

¹⁴ Matéria publicada sob o título “Trio da vergonha”, na Revista Cultural Bula (acesso na internet e, 20 de julho de

Uma imagem pode representar o que ficou da cerimônia de abertura. Esta:



Deitado eternamente em berço esplêndido, Ao som do mar e à luz do céu profundo,

Fulguras, ó Brasil, florão da América, Iluminado ao Sol do Novo Mundo!

(fragmentos do Hino Nacional Brasileiro)

Por tudo isso, assim como as manchetes internacionais que reconheceram haver sido uma cerimônia “clandestina”¹⁵, o público (pequeno, em comparação aos que assistiram ao jogo), manifestou sua indignação aos gritos: “Brasil, mostra a tua cara!”

Talvez tenha sido essa a motivação que levou, momentos após o encerramento da solenidade de abertura, grande parte dos que estavam no estádio a destratar, com palavras agressivas, a presidenta do país.

Esse não foi, sem dúvida, um gesto proveniente do povo brasileiro, pois o nível econômico da maioria da população está bastante aquém na

possibilidade de pagar, em reais¹⁶, o valor em dólares estipulado. Tal manifestação foi, sem dúvida, de uma elite que, situada na plataforma superior, estava desgostosa com a conjuntura política nacional e cujo desprazer aumentou com a visualização do espetáculo degradante por ela comprado.

2014): <http://www.revistabula.com/2640-trio-da-vergonha-alheia-musica-oficial-da-copa-com-claudia-leitte-pitbull-e-jennifer-lopez/>

¹⁵ <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/06/jornais-fazem-elogios-e-criticas-festa-de-abertura-cerimonia-clandestina.html> (acesso em 18 de julho de 2014.)

¹⁶ Para a cerimônia e o jogo de abertura, dependendo do ângulo de visão, o ingresso mais barato estava a R\$150,00 e a grande maioria dos presentes, sentados em lugares privilegiados, havia pago R\$500,00.



Algumas fotos registram índices de brasilidade na cerimônia de encerramento:

Foi-me dito que “a população tinha o direito de se manifestar, de mostrar sua indignação”. Porém tal comportamento, visão de dentro das manifestações populares, nas ruas, em frente aos telões FFF (Fun Fest da Fifa) não condiz com as atitudes dos que gozavam dos privilégios visuais e auditivos, encobertos no estádio. O espetáculo (fff = frio, fraco e fedorento) que foi mostrado ao mundo causou ojeriza e indignação. Os gritos, dirigidos à autoridade máxima do país, não se originaram da mistura de raças que constituem a herança brasileira¹⁷, mas, sim, do meio economicamente elevado e do momento. Portanto, não devem ser associados à identidade

cultural brasileira, considerando o povo¹⁸ no universo jurídico e político nacional.

A Revista *Veja* assim registra o episódio: o público que saudava “Brasil! Brasil!” iniciou um novo coro, desta vez com um xingamento à Fifa e a presidente Dilma Rousseff, presente nas tribunas – e que optou por não falar, temendo que a vaia fosse ainda maior. Todavia, o mesmo informativo constata e registra que na cerimônia de fechamento a vaia foi bem menor.

Também *Zero Hora* - jornal de grande circulação no Sul do Brasil - concorda:

¹⁷ Faço alusão aqui ao determinismo de Taine, para quem as atitudes humanas têm origem na hereditariedade, no meio e no momento. O *Método de Taine* consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico.

¹⁸ Vejo que povo não é um conceito descritivo, mas claramente operacional. Não se trata de designar, com esse termo, uma realidade definida e inconfundível da vida social, para efeito de classificação sociológica, por exemplo, mas sim de encontrar, no universo jurídico-político, um sujeito para a atribuição de certas prerrogativas e responsabilidades coletivas.

a cerimônia de abertura foi bastante contestada pelos telespectadores e internautas. Teve playback esquisito, pessoas com fantasias estranhas, as calças do cantor Pitbull roubando a cena e (como esquecer) xingamentos à presidente Dilma Rousseff. No encerramento, a coisa foi diferente. Não, o campo do Maracanã não encheu, mas a torcida ficou (bem) mais animada com uma cerimônia que foi (bem) mais brasileira.



Porta-bandeiras de escolas de samba vestiram-se nas cores dos diferentes países e tinham, como estandartes, as flâmulas nacionais, e uma bola gigantesca rolava, de mãos em mãos, nas arquibancadas, dando ao público a sensação tátil de também estar participando do jogo.

Houve sons autenticamente nacionais, exarados de



instrumentos musicais genuinamente brasileiros, movidos por ritmistas e passistas trajando as cores nacionais. A beleza da mulher brasileira não



esteve maquiada e reificada em bonecos ambulantes. Ao contrário, fez-se em carne, osso e emoção, com a presença da modelo internacionalmente conhecida, Gisele Bündchen.

Em certo momento, as flâmulas dos times que jogariam a partida final exibiram-se, sozinhas na avenida, em igual tamanho e beleza, evidenciando o respeito e admiração que ambos mereciam por haver chegado onde estavam.

O resultado final mostrou a hegemonia alemã sobre o time sul-americano. Creio que esse



esforço de integração harmoniosa, o propalado espírito esportivo, caracterize, sim, a índole brasileira.

Todavia, um momento surge como mancha negra, quando da disputa entre Brasil e Chile pelas

oitavas de final: houve, da parte dos que se encontravam no estádio, clamorosa vaia durante a execução do Hino Nacional do Chile. O episódio foi reportado¹⁹ assim:

Durante a execução do hino visitante do jogo entre Brasil e Chile, a torcida brasileira se portou de maneira totalmente lamentável. Ao fim da execução oficial, os chilenos seguiram cantando seu hino, tal qual parte da torcida brasileira. As vaias ganharam o estádio na medida em que os chilenos presentes se esforçavam para cantar a plenos pulmões.

Essa atitude, apontada como ridícula, também veio de dentro do estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Um pouco antes, Parreira²⁰ instruíra e solicitava aos jogadores:

“[O histórico positivo do Brasil perante o Chile não tem] nenhum peso. Futebol é feito de momento. Temos que resolver esse momento agora, esquecer o passado”, disse. Depois, falou sobre o que a canarinha precisa fazer para vencer o Chile: “Eu acho que o futebol, tem o lado emocional, da atitude, do caráter. Chegamos numa fase da competição pra esquecer o passado e viver o momento. Se a gente igualar a intensidade deles, com a nossa qualidade e disposição, acho que o Brasil pode pensar na próxima fase”.

O jogo foi bonito, e a vitória brasileira aconteceu por mera casualidade, na marcação dos pênaltis, quando um chute do jogador chileno fez a bola bater na trave e sair da goleira. Mas se a sorte não beneficiou o time chileno, impedindo-o de entrar nas oitavas de final, o Brasil foi vergonhosamente eliminado das quartas de final, perdendo, para o novo campeão mundial, a Alemanha, por um

score nunca antes visto em copa do mundo de futebol.

De tudo o que foi exposto, ficam algumas constatações, que podem servir para se (re)pensar ao caracterizar a identidade cultural brasileira, apesar da diversidade entre os distintos estados, classes sociais e acesso ao poder econômico e político:

A CORDIALIDADE: PRIVILÉGIO DA EMOÇÃO À RAZÃO.

Escrito em meados da década de 1930, *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Holanda, usa a expressão “homem cordial” para caracterizar a índole brasileira. Logo após a publicação da obra, o escritor Cassiano Ricardo implicou com a expressão. Para ele, a ideia de cordialidade estaria mal aplicada, pois o termo adquirira, pela dinâmica da linguagem, o sentido de polidez - justamente o contrário do que queria dizer o autor. Este, no entanto, explicou ter usado a palavra em seu verdadeiro sentido, inclusive etimológico, que remete a coração. Opunha, assim, emoção a razão.

Daí resulta que o brasileiro age, muitas vezes (e assim mostrou-se, durante os jogos da copa de futebol), distante dos princípios da polidez política.

O problema surge quando a cordialidade se manifesta na esfera pública. Isso porque o tipo cordial - uma herança portuguesa reforçada por traços das culturas negra e indígena - é individualista, avesso à hierarquia, arredo à

¹⁹ <http://trazcafe.com.br/site/a-vergonha-da-vaia-ao-hino-chileno-nao-e-inedita/>

²⁰ <http://www.atribunamt.com.br/2014/06/parreira-pede-para-jogadores-esquecerem-o-passado-vitorioso-contra-o-chile-10h37/>

disciplina, desobediente a regras sociais e afeito ao paternalismo e ao compadrio.²¹

A JOVIALIDADE: ALEGRIA E CORPORALIDADE

Antes de refletir acerca desse traço marcante na identidade cultural brasileira, é necessário distinguir nuances de “alegria”.

Há uma alegria trágica, com aceitação da vida mesmo nos seus problemas mais estranhos e árduos. Dá-se para além da consciência, num transbordamento de forças, no aqui e agora de uma situação existencialmente excessiva. Já em outro sentido, alegria implica “graça”, isto é, o investimento da consciência. Significa saudação; o espanto e a celebração da vida. *Alacer*, *alacris* (no latim vulgar) são adjetivos semanticamente referidos à liberdade da asa (ala) no céu e à permanência da terra. Alegria é o regime afetivo que propicia ao indivíduo, ainda que preso à gravidade ou à constância da terra (ou seja, as convenções e suas exigências), a experiência do movimento no céu, que é na prática um “desligamento” ou um “desapego”.



A hilaridade é aquele instante em que o indivíduo, abrindo-se sensivelmente ao mundo abole o fluxo do tempo cronológico e, com o corpo livre de qualquer gravidade, experimenta uma sensação intensa de presente, capaz de envolver os sentidos e libertar a consciência de seus entraves imediatos. A corporalidade tende à ascensão, ao erguimento dos braços tais quais asas, ao salto, ao deslocar-se da terra, como conseguem fazer as pessoas mais jovens.

A corporalidade é entendida como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, que pretendem possibilitar a comunicação e interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural. Ela nada mais é do que, nossa dimensão corporal é o resultado de experiências objetivas fruto de nossa interação social nos diferentes contextos em que se efetiva, isto é, na família, na escola, no trabalho, no lazer etc.

Movimentos assim, acompanhados de largos sorrisos, faziam-se constantes nas imagens da plateia, nos jogos. Vindos dos jovens afortunados, não sofriam os constrangimentos oriundos das relações sociais, seja do ponto de vista econômico, cultural, político ou social.

Esses dois traços marcantes, combinam-se com outros devido ao fato de ser o Brasil um dos países com maior diversidade étnica e cultural do mundo, conforme destaca Ruben Oliven²², autor da obra *A*

²¹ Oscar Pilagallo, “o jeitinho do homem cordial”, em http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_jeitinho_do_homem_cordial.html (acesso em julho de 2014).

²² Doutor pela Universidade de Londres, Oliven é professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade

parte e o todo - a diversidade cultural no Brasil-nação. Este pesquisador assinala a extensão territorial como um outro fator que explica o fenômeno da diversidade cultural. "É natural que a população do Amazonas seja diferente da do Rio Grande do Sul, por exemplo".

Na opinião de Oliven, os contrastes servem como um estímulo ao desenvolvimento brasileiro. "A diversidade regional e cultural não são um obstáculo para o crescimento do Brasil. Ao contrário, trata-se de um diferencial positivo". Há elementos bastante peculiares que compõem a identidade brasileira, que ajudam na unificação do país, como o samba, o futebol, o carnaval, e os meios de comunicação que também desempenham um papel de destaque, uma vez que potencializam para o mundo os elementos de unificação.

"O futebol foi inventado na Inglaterra e trazido para o Brasil. Ele se popularizou e hoje é um símbolo brasileiro. Com o carnaval também ocorre um processo semelhante. Ele surgiu na Europa e chegou ao Brasil como algo elitizado, mas, aos poucos, foi se popularizando e se tornando um elemento nacional. O samba nasceu nas classes populares e hoje é identificado como uma manifestação cultural brasileira"²³.

Apesar de diferentes características regionais que se somam e imbricam para formar a identidade cultural brasileira, Carolina Octaviano destaca, em

"As características regionais e a identidade nacional brasileira"²⁴ aspectos circunstanciais (mas que se estendem há anos), causando revolta e perplexidade na população de Norte a Sul do país:

o Brasil apresenta uma posição de destaque no cenário mundial, sendo considerado um país emergente ou em desenvolvimento. É conhecido por sua riqueza, mas apresenta problemas estruturais, como a má distribuição de renda e a desigualdade social (idem)"

Esta crise de ordem política e social por que passamos interferiu dentro e fora dos estádios, ao longo de todo o território nacional. As expressões de violência e de desprazer (derivadas dos elevados índices de falta de educação, de saúde, de segurança) geraram uma imagem pública, relacionada ao esporte de preferência popular, não compatível com a identidade cultural brasileira, no mundo global em que vivemos.

Mas, voltando ao texto da epígrafe e ao início deste trabalho, se estamos vivendo uma crise de identidade, ela é compatível com o mundo contemporâneo, em que a identidade é vista como

parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Stuart Hall, 2001:7)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto foi escrito sob o impacto dos episódios vivenciados durante os dias da Copa do Mundo.

Federal do Rio Grande do Sul. Entre suas publicações está *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação* (Editora Vozes) agraciada com o Prêmio Melhor Obra Científica do Ano concedido pela ANPOCS e traduzido para o espanhol e o inglês. Foi professor convidado em universidades latino-americanas, norte-americanas e européas. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Recebeu o Prêmio Érico Vannucci Mendes por sua contribuição ao estudo da Cultura Brasileira. oliven@uol.com.br

²³ Fonte: Academia Brasileira de Ciências: <http://www.abc.org.br/~rgo> (acesso em julho de 2014).

²⁴

http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000400006&lng=pt&nrm

Produção circunstanciada, entretanto, as reflexões perduram e podem, até, idealmente, servir como ponto de partida para a compreensão dos comportamentos humanos na atualidade. Se os quadros de referência que norteavam os rumos sociais e enlaçavam os indivíduos, fazendo-os se orgulharem pelo pertencimento a uma classe, um clube ou um agrupamento escolar, político, social ou religioso, faliram, que esperar dos que virão?

Já foi dito que não basta procurarmos deixar um mundo melhor a nossos filhos; é preciso deixarmos filhos melhores para o mundo de amanhã. Mas essa busca, esse comprometimento para com dias melhores no porvir, ficam estarecidos ao se perceber comportamentos equivocados e soluções díspares para atitudes semelhantes, com relação à identidade individual perante a coletiva.

Refiro-me, novamente, ao xingamento à Presidenta do Brasil feito por várias vezes, audíveis nitidamente através dos canais de comunicação que cobriam o evento, na abertura e no fechamento da copa de futebol. A indignação de alguns não provocou nem uma reação punitiva dos órgãos responsáveis pela segurança pública e presidencial.



Em contrapartida, poucos dias após, também em estádio de futebol no Sul do Brasil, uma adolescente foi flagrada e filmada, com seus movimentos labiais, chamando o goleiro de uma seleção adversária de “macaco”. Ela foi intimada pela polícia para depor, chorando pediu perdão



pelo gesto, dizendo não ser racista, mas foi demitida do emprego e

teve a sua residência incendiada. Seu advogado declarou à imprensa, após uma entrevista: “Esse caso vai ser um marco para efetivamente terminar com o racismo. Estaremos sendo hipócritas se punirmos tão somente a Patrícia por esse ato. Ela foi julgada socialmente, independente do inquérito policial.”

Por fim, analisando as diferentes repercussões dos dois fatos relacionados à manifestação pública em espaços e eventos esportivos, não querendo afirmar que um erro justifica o outro, acrescento mais um traço da identidade cultural brasileira, neste início de milênio: hipócrita e injusta.

O linguista e analista social Noam Chomsky²⁵ analisa que a hipocrisia é um dos males da nossa sociedade, que promove a injustiça com a guerra e as desigualdades sociais, num quadro de autoengano. Sob certo ponto de vista, a hipocrisia em si é um comportamento necessário ou benéfico ao homem e à sociedade. E se hipócrita designa alguém que oculta a realidade atrás de uma máscara de aparência, a abertura da copa do mundo, em toda sua extensão, foi uma demonstração pública da hipocrisia, como traço da nova identidade nacional. Lamentavelmente.

²⁵ Chomsky, Noam (fevereiro de 2002). *Distorted Morality: America's War on Terror?*. Página visitada em 11 setembro de 2014.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Ciências: <http://www.abc.org.br/~rgo> (acesso em julho de 2014).

Chomsky, Noam (fevereiro de 2002). *Distorted Morality: America's War on Terror?*. Página visitada em 11 setembro de 2014.

http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000400006&lng=pt&nrm

<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/06/jornais-fazem-elogios-e-criticas-festa-de-abertura-cerimonia-clandestina.html> (acesso em 18 de julho de 2014.)

<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/13>

<http://otextonocontexto.blogspot.com.br/2008/01/identidade-cultural-brasileira.html>

<http://trazcafe.com.br/site/a-vergonha-da-vaia-ao-hino-chileno-nao-e-inedita/>

<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/06/13>

<http://www.tribunamt.com.br/2014/06/parreira-pede-para-jogadores-esquecerem-o-passado-vitorioso-contra-o-chile-10h37/>

<http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm>

<http://www.revistabula.com/2640-trio-da-vergonha-alheia-musica-oficial-da-copa-com-claudia-leitte-pitbull-e-jennifer-lopez>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2012v14n1-2p238/0>

oliven@uol.com.br

Pilgallo, Oscar. "o jeitinho do homem cordial", em http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_jeitinho_do_homem_cordial.html (acesso em julho de 2014)